

Sofrer com o próprio ser: A *Daseinsanalyse* de Alice Holzhey-Kunz e a inclusão pré-ontológica da existência como fundamento do sofrimento existencial

Suffering from one's own being: Alice Holzhey-Kunz's Daseinsanalysis and existence's pre-ontological inclusion as the ground of existential suffering

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Professor Adjunto - Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: pauloevangelista@gmail.com

Resumo: Neste artigo visou-se apresentar a *Daseinsanalyse* desenvolvida por Alice Holzhey-Kunz, da segunda geração da *Daseinsanalyse*. Início indicando o objetivo de reintroduzir a hermenêutica na psicoterapia, tornando-a mais heideggeriana e freudiana. Em seguida, apresento o sentido do sofrimento psicológico: é sofrer com o próprio ser, isto é, com a condição “humana” (*Dasein*), cuja descrição é retirada de *Ser e tempo*, de Heidegger. O conceito-chave para este paradigma é o de “inclusão pré-ontológica”: cada existência tem relação com o próprio ser. Na psicopatologia, a condição humana irrompe e limita o existir cotidiano. Por fim, aponto consequências para a prática psicoterapêutica neste paradigma.

Palavras-chave: *Daseinsanalyse*; *Dasein*; Psicopatologia; Hermenêutica; Martin Heidegger

Abstract: In this article I present *Daseinsanalysis* as developed by Alice Holzhey-Kunz, who is a member of the second generation of *daseinsanalists*. I begin by pointing to her objective of reintroducing hermeneutics in psychotherapy and making it more heideggerian and freudian. I then indicate the meaning of psychological suffering: it is suffering from one's own being, that is, from 'human' condition, such as described by Heidegger in *Being and time*. The key concept in this paradigm is 'pre-ontological inclusion', which means that every existence relates to its being. The human condition shows itself and limits everyday living in psychopathological modes of being. I end this article indicating consequences for psychotherapeutic practice.

Keywords: *Daseinsanalysis*; *Dasein*; Psychopathology; Hermeneutics; Martin Heidegger

A terapia Daseinsanalítica continua sendo pouco conhecida no Brasil, apesar do crescente interesse nos possíveis desdobramentos da filosofia de Heidegger para a psicologia. Sua história já estava documentada nas revistas da Associação Brasileira de *Daseinsanalyse*. A publicação em 2015 da tradução do livro de Dastur & Cabestan (2015) contribuiu enormemente para a historiografia dessa ciência humana. Os nomes de seus fundadores são bem conhecidos nos meios da psicologia fenomenológica: Ludwig Binswanger e Medard Boss. Binswanger, psiquiatra, filho e neto de psiquiatras, é o primeiro a intitular seu método investigativo do sentido da psicopatologia de “*Daseinsanalyse*”. Boss, um pouco mais jovem, é quem encabeça, com apoio de Heidegger, o desenvolvimento de uma patologia geral daseinsanalítica. Ambos são médicos que recorrem à analítica do *Dasein*, realizada por Martin Heidegger em *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*, 1927), como antropologia e epistemologia para fundamentar a interpretação dos fenômenos humanos saudáveis e patológicos.

Sendo pouco conhecida a obra da primeira geração de daseinsanalistas, que se dirá da segunda? Deve ser por isso que Alice Holzhey-Kunz é praticamente desconhecida no Brasil. Assim como são pouco conhecidas as pesquisas de Gion Condreau e de psiquiatras fenomenológicos como Hubert Tellenbach, Otto Dorr Zegers, Thomas Fuchs, que deram continuidade às pesquisas iniciadas por Binswanger, Jaspers, Minkowski. Trata-se de nomes familiares para poucos “especialistas”, havendo raras traduções para o português.

Este artigo objetiva apresentar a *Daseinsanalyse* de Alice Holzhey-Kunz, expoente da geração de psicoterapeutas que estudaram diretamente com Medard Boss. Seu paradigma daseinsanalítico gravita em torno do entendimento de “sofrimento existencial”, que, por sua vez, remonta à noção de *Dasein*, de *Ser e tempo* (Heidegger, 2012), mais especificamente ao conceito de “inclusão pré-ontológica”¹.

A daseinsanalista Alice Holzhey-Kunz nasceu em 1943, formou-se em História e Filosofia em Zurique em 1971 e concluiu sua formação em 1976 como psicoterapeuta no Instituto Daseinsanalítico para Psicoterapia e Psicossomática, fundado por Medard Boss. Em 1983, em razão de divergências com ele, rompeu com o Instituto e juntou-se à Sociedade para Antropologia Hermenêutica e *Daseinsanalyse*, que hoje preside e onde coordena os Seminários Daseinsanalíticos de Zurique.

¹ Utilizo o termo “inclusão pré-ontológica” para manter-me fiel à tradução brasileira do livro de Holzhey-Kunz (2018) realizada por Marco Antonio Casanova. Como se verá adiante, seria possível usar o termo “implicação pré-ontológica”.

1. Por uma *Daseinsanalyse* hermenêutica

A *Daseinsanalyse* de Holzhey-Kunz está em consonância com a proposta original de Medard Boss de que o sentido da psicoterapia é “resgatar o desenvolvimento até aqui embotado ou inviabilizado em direção à medida a mais ampla possível em termos de abertura e liberdade” (Holzhey-Kunz, 2018, p. 39). Ou seja, possibilidades existenciais não estão sendo assumidas e realizadas abertamente, e isso tem limitado a pessoa e como sua existência poderia ser. O objetivo da psicoterapia é descobrir com o paciente quais são essas possibilidades e porque não consegue realizá-las, a fim de então confrontar e dissolver as resistências para uma existência mais livre. Assim como Boss e Binswanger, Holzhey-Kunz defende a metodologia psicoterápica freudiana. Aliás, sua proposta é ser ainda mais freudiana e mais heideggeriana do que Boss.

Para a *daseinsanalista*, a revolução promovida por Freud no campo da psicopatologia foi a descoberta de sentidos ocultos para os comportamentos interpretados pela psiquiatria tradicional como anormais, patológicos, bizarros. Esses sentidos não estão imediatamente dados; eles precisam ser desvendados. A psicanálise é uma hermenêutica em razão disso: interpreta os sentidos ocultos dos comportamentos abertos.

Boss teria deixado de lado o caráter hermenêutico da psicanálise em favor de uma fenomenologia que se atém ao fenômeno (Holzhey-Kunz, 2018). Nas suas interpretações dos sonhos, por exemplo, zela para que se atente exclusivamente aos significados que se apresentam; isto é, àquilo que se mostra e a como tal fato se revela ao sonhador. O mesmo pode ser dito dos fenômenos de transferência e resistência. Aquela é compreendida como um modo de relação com o outro diretamente acessível, e esta como uma recusa a apropriar-se de possibilidades existenciais. Ambas, transferência e resistência, devem ser entendidas tal como são – modos de existir em relação com outras pessoas –, e não como mecanismos de um suposto aparato psíquico.² Mas, com isso, Boss perdeu, segundo Holzhey-Kunz, o caráter “*aletheico*”³ do comportamento humano. Como comportamento desvelado e desvelador, ele mostra e oculta ao mesmo tempo, exigindo a hermenêutica

² A respeito disso, cf. Evangelista, 2013.

³ *Aletheia* é o termo grego posteriormente traduzido por *veritas*, do qual se origina a noção de verdade como adequação entre uma ideia e uma coisa (Heidegger, 1999; Heidegger, 2012). Originariamente, *aletheia* significava o desvelado, isto é, a “realidade” como aquilo que se mostra a partir de si mesmo como abertura de mundo compartilhada, sendo necessariamente interpretada (hermenêutica) por quem a testemunha, apresenta e fala a respeito. (Cf. §7 e §44 de *Ser e tempo*).

para tirar da ocultação o velado no aparente. Para a daseinsanalista suíça, Boss é “daseinsanalítico, mas não daseinsanalítico-hermenêutico” (Holzhey-Kunz e Fazekas, 2012, p. 40).

O sentido de “hermenêutica” é o da fenomenologia de Heidegger em *Ser e tempo*, dado que se dirige ao ser dos entes, que, nas palavras do filósofo, “permanece oculto no que se mostra”, “pertence essencialmente ao que se mostra de pronto e no mais das vezes, ao ponto de até constituir seu sentido e fundamento” (2012, p. 121, §7).⁴ Na obra filosófica, o significado da hermenêutica é tirar da ocultação o ser do *Dasein* que permanece encoberto pela ocupação cotidiana. A filosofia é a tarefa hermenêutica de arrancar, do encobrimento das interpretações impessoais, e fazer ver o ser da existência do qual o ser-aí (*Dasein*) foge a cada vez. Todo *Dasein* é (“tem”) um entendimento de ser. Heidegger apoia na condição humana a possibilidade de toda a ontologia. Ou seja, todo existente é um filósofo em potencial (Heidegger, 2012). Holzhey-Kunz se apropria dessa descrição, mas mostra que, assim como o filósofo pode assumir como tarefa explícita tematizar o ser, toda existência se relaciona com seu ser e experiencia sua própria condição humana.

Sendo assim, a *Daseinsanalyse* de Holzhey-Kunz visa a reestabelecer a hermenêutica na psicoterapia: busca os sentidos ocultos nos comportamentos humanos (a desvelar). Mais especificamente, são os sintomas que interessam ao daseinsanalista, pois neles está manifesto e oculto o sentido do sofrimento existencial. Nos sintomas se manifesta a perda de liberdade para a vida cotidiana e se indica o para quê (sentido) da restrição. Esta proposta não é original, dado constituir um dos temas centrais da psicanálise freudiana. O processo psicoterapêutico e a metapsicologia desenvolvidos e descritos por Freud demonstram que os sintomas indicam significados e sentidos ocultos, e a tarefa analítica é descobri-los. Os sintomas têm, segundo Freud, dois sentidos: seu “de onde” e seu “para quê”. Isso está claramente posto por Freud (2014):

Temos incluído duas coisas como “sentido” de um sintoma: o seu “de onde” e seu “para quê” ou sua “finalidade” – ou seja, as impressões e experiências das quais surgiu e as intenções a que serve. Assim, o “de onde” de um sintoma se reduz a impressões que vieram do exterior, que uma vez foram necessariamente conscientes e podem, a partir daí, ter-se tornado inconscientes através do esquecimento. O “para quê” de um sintoma, seu propósito, no entanto, é invariavelmente um processo endopsíquico, que

⁴ Cito Heidegger a partir da tradução de *Ser e tempo* feita por Fausto Castilho e publicada em 2012 em edição bilíngue (Heidegger, 2012).

possivelmente teria sido consciente, no início, mas pode igualmente não ter sido jamais consciente e ter permanecido no inconsciente desde o início. (p. 335).

Em outras palavras, o “de onde” aponta para a proveniência histórica, de modo que um sintoma atual está ligado a uma experiência passada. Neste aspecto repousa seu caráter histórico-genético, que ao longo do desenvolvimento da Psicanálise passou a ser pensado como causa mecânica. Já o “para quê” indica uma intenção, algo ainda não realizado, isto é, uma ação motivada que se dirige a um fim.

Desde seu início a *Daseinsanalyse* critica a psicanálise por privilegiar o “de onde”, associado às primeiras experiências infantis, em detrimento do sentido (para quê). É a este aspecto futuro do sintoma que se dirige a atenção dos daseinsanalistas; o “para quê”, o “a fim de quê” do comportamento sintomático. A hermenêutica daseinsanalítica investiga, pois, o sentido da ação: mais precisamente, o que a existência realiza e cumpre agindo como age, mesmo que sem assumir responsabilidade por esses atos. O *Dasein*, cujo ser é preocupação (*Sorge*), age sempre em virtude de si. Tendo seu ser em jogo, toda ação concerne em última instância ao ser do *Dasein*.⁵ Por exemplo, o motivo de fechar uma janela é diminuir o barulho lá fora. Poder produzir silêncio onde ainda não há exige liberdade. Ou seja, o que diferencia o comportamento humano de atos mecânicos é que não há relação de necessidade entre antecedente e conseqüente. Heidegger explica isso aos médicos que atendem o seminário de 9 de julho de 1964, na casa de Boss em Zollikon, da seguinte maneira:

O motivo não obriga. A pessoa não é obrigada, é livre. Ele me solicita fazer algo. O motivo é uma razão [*Grund*] que eu represento, que eu vivencio como algo que me determina. O motivo nesse caso é: quero sossego. [...] Do motivo faz parte o determinante, ouvir uma voz e corresponder a isso. Faz parte disso uma determinada relação com o mundo, uma situação determinada. O barulho não é causa do levantar (Boss e Heidegger, 1987/2009, p. 52).

Todo gesto humano é motivado; é um responder à significatividade que se apresenta. E os sintomas também são gestos humanos: constituem modos de agir em relação àquilo que se apresenta à existência com uma intenção. Mas isso não quer dizer que haja clareza do significado do que se mostra nem do sentido da ação.

⁵ Heidegger (2012, p. 251, §18) exemplifica isso em *Ser e tempo* com o martelar do martelo que é articulado pelo poder abrigar-se das intempéries e, no limite, por ser uma possibilidade existencial.

À luz desta compreensão da existência aparece que o sofrimento existencial também é um modo de ser do *Dasein*. Não é passivo, pois consiste em uma forma de lidar com o próprio existir, é uma “resposta” à condição humana que visa a algo (tem um sentido). “Quando o sujeito [...] é ativo no próprio sofrimento psíquico, então sua fraqueza manifesta simplesmente o preço por poder empreender veladamente os próprios interesses.” (Holzhey-Kunz, 2018, p. 163). Os comportamentos chamados de sintomas são ações de uma existência que é, por condição, livre.

2. O sentido do sofrimento existencial

Na *Daseinsanalyse* de Holzhey-Kunz, os sintomas têm significados que podem ser explicitados. Mas, ao passo que na psicanálise o sintoma é fruto de reminiscências, na *Daseinsanalyse* sua “origem” é a condição existencial (o *Dasein*, ser-aí). O sintoma revela o “sofrimento com o próprio ser” (Holzhey-Kunz, 2018, p. 166), é uma “experiência ontológica” (ontológico significa “referente ao ser”). Seu sentido pode (e deve) ser, portanto, desvelado pela hermenêutica na psicoterapia: trata-se de uma tentativa fracassada de ocultação da condição humana (*Dasein*) manifesta no cotidiano. A daseinsanalista as define como situações em que se revela a condição de ser-aí finito, dejecto no mundo público, tendo que ser, unicamente responsável por si, a cada vez, corpóreo, em relação com outros e sujeito à angústia (experiência reveladora do próprio ser).

A condição humana (*Dasein*) pode se insinuar e de fato se insinua em razão de estar “incluída” ou implicada em cada experiência cotidiana. É a inclusão pré-ontológica do *Dasein*. Holzhey-Kunz retira de *Ser e tempo* essa expressão. Lá, Heidegger (2012, p. 851, §63) afirma que: “Expressa ou não, adequada ou inadequadamente, a existência é de algum modo concomitantemente entendida. Todo entendimento ôntico tem suas ‘pressuposições’ (*Einschlüsse*), embora sejam só pré-ontológicas...”.⁶ O termo usado por Heidegger é *Einschlüss*, que significa “inclusão” ou “implicação”.⁷ A inclusão pré-

⁶ Fausto Castilho opta por “pressuposições” em sua tradução de *Ser e tempo*. Na tradução de Márcia Schuback, aparece como “implicação”. A edição brasileira do livro de Holzhey-Kunz traduz por “inclusão”, e a inglesa por “inclusion”. Por isso, mantenho neste artigo o termo “inclusão pré-ontológica”, como já indicado.

⁷ Em outra passagem de *Ser e tempo*, Heidegger escreve: “Se o ser-no-mundo é uma constituição-fundamental do *Dasein*, na qual ele se move não só em geral mas principalmente no *modus* da cotidianidade, então o ser-no-mundo já deve ser sempre onticamente experimentado. Seria incompreensível que

ontológica do *Dasein*, ou seja, o entendimento do ser (ontológico) implícito (não desenvolvido tematicamente) fundamenta toda possibilidade existencial (ôntica).

No mais das vezes, a condição ontológica permanece obscurecida por modos ocultadores de autointerpretação disponíveis no senso comum, que Heidegger nomeou *a-gente*⁸ (*das Man*). O cotidiano público é caracterizado por isso. No *a-gente*, diz o filósofo, “Cada um é o outro e nenhum é ele mesmo. A-gente, com a qual se responde à pergunta pelo *quem* do *Dasein* cotidiano, é o *Ninguém* ao qual todo *Dasein* já se entregou cada vez em seu ser-um-entre-outros” (2012, p. 367, §27). Essa entrega à impessoalidade é descrita no §38 de *Ser e tempo* como “tentadora”, tranquilizante, “estranhante” e aprisionante. Para Holzhey-Kunz, trata-se de um mecanismo de defesa contra a verdade ontológica da existência: “fato de que eu tenho de viver minha própria vida sem as possibilidades de delegação da mesma” (2018, p. 48). Se o mecanismo de defesa falha, a verdade ontológica vem à tona.

A daseinsanalista exemplifica a inclusão pré-ontológica com situações banais: o desejar “bom dia” a alguém inclui (traz implícito) o fato de que não há garantias de como o dia será. Dizer “saúde” quando alguém espirra inclui (implica) o poder adoecer e, portanto, morrer. A existência “sabe” que seu ser está constantemente ameaçado; o ser-ameaçável (poder-não-ser) é constitutivo do existir. Mas a interpretação cotidiana pública encobre essa verdade ontológica com essas falas apaziguantes e as atribui, por exemplo, esses dizeres, a “educação” e “respeito”.

Sem as interpretações d'*a-gente* que fornecem explicações apaziguantes, o cotidiano seria impossível. Por exemplo, precisamos contar com que estaremos vivos daqui a alguns anos para fazermos planos hoje e organizarmos nosso dia. Mas a verdade ontológica do *Dasein* é que a morte pode acontecer a qualquer momento. É necessário ocultar essa possibilidade dada na condição humana para viver cotidianamente. Por esse motivo, as interpretações apaziguantes são ativamente buscadas, atualizadas e propagadas publicamente. Mas, quando alguém adoece, o entendimento de que se adoeceu está fundado na condição ontológica (pré-incluída) da finitude. Só faz sentido o adoecer sobre o pano de fundo da mortalidade.

permanecesse totalmente encoberto, uma vez que o *Dasein* dispõe de um entendimento-de-ser de si mesmo, embora sua função esteja indeterminada” (2012, p.187).

⁸ Marcia Schuback traduziu interpretativamente “*Das Man*” por “O Impessoal”.

Há três modos de proteção contra irrupções de experiências ontológicas: a ocupação cotidiana, o senso comum e sentidos culturais. Na ocupação cotidiana, a existência esquece-se de si, absorvida por aquilo em que se ocupa. A existência de início e no mais das vezes se compreende à luz das ocupações. Quanto mais envolvido, mais seguro contra experiências ontológicas. O senso comum fornece máximas, expressas em ditados, que orientam, substitutivamente, a vida cotidiana. E cada cultura tem interpretações compartilhadas para as experiências existenciais básicas. Para nós, hoje, há uma multiplicidade de interpretações e sentidos para cada um apoiar sua vida, o que, por um lado, amplia o leque de visões de mundo encobridoras, mas, por outro, aumenta a carga do ter que se fazer de cada indivíduo. Estes três modos são coletivos, isto é, a gente (*das Man*) se protege contra experiências ontológicas.

3. Sofrer com o próprio ser

A descrição fenomenológica da existência realizada por Heidegger em *Ser e tempo* revela o caráter autoencobridor do próprio ser. Segundo Heidegger, “O que é onticamente mais próximo e conhecido é ontologicamente mais longínquo, não conhecido e constantemente deixado de lado em sua significação ontológica” (2012, p. 145, §9). Ou seja, o existir cotidiano, perdido nos afazeres e na (auto)interpretação pública, encobre a si mesmo sua própria condição. Porém, esse encobrimento é parcial, pois o ser da existência não é eliminado; é distorcido e mal compreendido, mas permanece inextirpável.

O sofrimento existencial é uma forma de lidar com experiências ontológicas, isto é, aquelas que manifestam o ser da existência (*Dasein*), sua condição de projeto lançado. Assim, ao perguntar-se pela origem do sofrimento existencial, Holzhey-Kunz responde que “o neurótico sofre com o próprio ser” (2018, p. 166). Trata-se de um modo específico de relação com o existir cotidiano pelo qual os mecanismos compartilhados de encobrimento da condição existencial falham. Assim, o neurótico se mostra alguém mais sensível – Holzhey-Kunz usa a expressão de Boss “escuta aguçada” – à própria condição humana, mas sua maneira de encarar os afazeres do dia a dia é dificultada, até mesmo impossibilitada, por estar à mercê do que a ele se revela.⁹

⁹ Isto torna aquele que sofre com seu ser um “filósofo contra sua vontade” (2018, p. 167).

Na psicanálise freudiana, os quadros chamados de psicóticos diferem dos neuróticos. Nesse paradigma, isso se deve a diferenças na estruturação do psiquismo. Na *Daseinsanalyse* essa divisão não faz sentido, pois a única “estrutura” é a existência. Os quadros chamados de psicóticos diferem dos neuróticos por sua intensidade e abrangência. Enquanto a restrição neurótica se limita a um âmbito da existência, a restrição psicótica atravessa todo o ser-no-mundo. Também os psicóticos são entendidos como tentativas de antemão frustradas de encobrimento e/ou supressão da condição existencial.

4. Consequências para a psicoterapia

Como daseinsanalista que é, Holzhey-Kunz defende que se siga à risca a técnica freudiana. As três regras fundamentais da terapia são por ela defendidas: a livre associação, a escuta flutuante do analista e a abstinência. Do paciente, espera-se que fale seu desejo e não aja (*act-out*) para realizá-lo na relação psicoterapêutica. O analista deve não realizar o desejo do paciente, além de abster-se dos próprios. Portanto, cabe ao analista ser abstinente, ou seja, seu papel não é de entrar numa relação dialógica com o paciente, e, sim, de ouvir com ele as experiências ontológicas indicativas de como lida com seu existir; mais especificamente, considerando que quem procura psicoterapia está sofrendo com seu próprio ser, de deixar que apareçam os sentidos ocultos nos sintomas. Para isso, a relação psicoterapêutica precisa ser assimétrica.

Tal modo de estar com o paciente e o conhecimento da condição existencial (*Dasein*) contribuem para que o psicoterapeuta possa escutar as experiências filosóficas do paciente, isto é, as experiências ontológicas encobertas por interpretações ônticas. Uma experiência angustiante “inclui” (implica) a angústia ontológica. O paciente deseja livrar-se dos seus sentimentos de angústia, mas, para isso, precisa dar ouvidos à angustiada condição de estar lançado sem causa, fundamento ou determinações de como deve ser, entregue ao fato de que é e tem que ser. O psicoterapeuta precisa ter uma escuta filosófica para a verdade ontológica incluída na experiência do paciente.

A *Daseinsanalyse* de Holzhey-Kunz exige, portanto, do psicoterapeuta conhecimento “teórico” da fenomenologia da existência de *Ser e tempo* e de análises existenciais de Sartre e Kierkegaard e de outros existencialistas, para compor uma antropologia existencial. Ele precisa também ter submetido as próprias experiências

ontológicas à escuta filosófica que lhe revela o sentido existencial. Só assim poderá estar com o outro de modo a que contribua para explicitar a condição ontológica oculta nas experiências cotidianas e propiciar o resgate de alguma liberdade para viver.

Referências bibliográficas

Boss, M.; Heidegger, M. [2009]. *Os seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas*. Tradução de Fátima Almeida Prado. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

Dastur, F.; Cabestan, P. [2015]. *Daseinsanálise: fenomenologia e psicanálise*. Tradução de Alexandre de Carvalho. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

Evangelista, P. [2013]. Transferência e resistência na psicoterapia daseinsanalítica de Medard Boss. In: Giovanetti, J.P. (Org.). *Psicologia clínica e psicoterapia*. Belo Horizonte: Fead, pp. 67-90, 2013.

Freud, S. [1976]. Fixação em traumas: O inconsciente. In: Freud, Sigmund. 1917/2014 *Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917): Parte III*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. 16). Tradução de José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Heidegger, M. [1998]. *Ser e tempo*. (2 Volumes) 7ª ed. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1927.

Heidegger, M. [1999]. Sobre a essência da verdade. In: *Conferências e escritos filosóficos* (Coleção Os Pensadores). Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultura, 1930.

Heidegger, M. [2012]. *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP; Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1927.

Holzhey-Kunz, A. [2018]. *Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Tradução de Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

Holzhey-Kunz, A.; Fazekas, T. [2012]. Daseinsanalysis: a Dialogue. In: Barnett, L.; Madison, G. *Existential Therapy: Legacy, Vibrancy, and Dialogue*. London and New York: Routledge, pp. 35-52, 2012.